

# humanitas

**Vol. XV–XVI**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLS. XV E XVI



COIMBRA  
MCMLXIII-LXIV

desaconselhável. E logo chamei a atenção do funcionário ali em serviço para uma delas, visivelmente eirada na sua cobertura branca. Fui encontrá-la reproduzida no Catálogo com o mesmo erro notado na «caracterização» a giz. A palavra SERAH é na realidade SERAPI, dativo do nome de SERAPIS íaliás, correctamente indicado na legenda em português, sob o n.º 32), divindade bem conhecida. De resto, o arco da parte superior do P é visível, tanto na inscrição como na reprodução fotográfica.

Além disso, a inscrição está há muito no C./L., 2, onde tem o número 46.

No Catálogo, o tronco decorado, registado sob o n.º 31, tem sido objecto de discussões. Houve quem o considerasse como sendo da Ártemis Efésia e o Catálogo dá-o como pertencente a uma estátua de Vénus Anadiómene.

Creio que o testemunho recente das escavações em Afrodísias contribuirá para estabelecer definitivamente que se trata de uma Vénus, pois são muitas as semelhanças com a Afrodite encontrada em 1962 nessa importante estação arqueológica, situada na actual Turquia. Não sei, porém, se tal Afrodite ou Vénus poderá denominar-se de Anadiómene. Duvido.

Elogie-se, entretanto, a boa qualidade das fotografias do Catálogo.

A. C. R.

Malingrey, Anne Marie — «**Philosophia**». *Étude d'un groupe de mots dans la littérature grecque, des Présocratiques au IV siècle après J.-C.* Paris, Librairie C. Klincksieck, 1961. 326 pp.

Propôs-se a Autora desta útil e valiosa obra fazer um estudo analítico, claro e ao mesmo tempo substancioso, das palavras do grupo de *φιλοσοφία* usadas na literatura grega durante o milénio que une os Pré-socráticos ao século iv p.C. A leitura deste precioso livro que abarca o horizonte de três culturas, arreigou-nos no espírito a ideia da linguagem como modo de o homem estar no mundo físico, humano, histórico e cultural e a convicção da importância de uma analítica da linguagem como propedêutica indispensável à História da Cultura, da Filosofia ou da Teologia. Por isso, Malingrey, ao estudar o conteúdo polivalente da palavra *φιλοσοφία*, procura descrever a situação histórica dos vários autores, o seu «mundo» cultural, as reacções e tonalidades afectivas que introduzem na palavra determinada carga sentimental. Por outro lado, Malingrey com o seu método de investigação inculca-nos no espírito a ideia de que o passado continua na significação das palavras como sedimentação histórica e colabora vivamente na construção do nosso «mundo cultural». Uma análise da linguagem descobre-nos o homem como ser concreto, encarnado em determinado mundo físico e humano e numa irreversível situação histórica. Três dimensões da palavra estão subjacentes ao estudo de Malingrey: a) expressão dum ponto de vista do escritor situado na sua complicada trama

histórica; *b*) objecto desse ponto de vista, que não passa de determinado aspecto do panorama-horizonte, correlativo do seu ângulo de visão; *c*) comunicação dessa visão aos outros homens, servindo-se, no caso de originalidade, de termos antigos com novo conteúdo ou de neologismos ou de termos cedidos por outras línguas.

Como o homem concreto, toda a língua viva apresenta uma curva evolutiva, de modo que os termos, além de outras transformações, se revestem de uma mais ou menos complicada polissemia. Ao espírito analítico do filólogo cabe discriminar nesse «mundo» interior da palavra a multiplicidade de sentidos. Eis o que faz Malingrey quanto às palavras do grupo de *φιλοσοφία*.

Ao falarmos da palavra como expressão, quisemos chamar a atenção para o papel da individualidade inefável do escritor que o ambiente externo ou a tradição não podem suprir, mas sim coadjuvar. Malingrey concretiza este ponto de vista ao tratar da personalidade intelectual dos escritores que impuseram um cunho pessoal à palavra *φιλοσοφία*. A originalidade determina-se a partir da linha do horizonte cultural comum em que desempenha importante papel a tradição: assim um elemento impessoal é incorporado ao pensamento e obra do escritor. Há ainda a rede emaranhada das circunstâncias históricas adstritas ao ambiente concreto do autor e que gravam sensíveis traços na fisionomia da palavra. Malingrey, atenta a estes aspectos, procura situar os diversos textos no contexto e este no espírito do autor, devidamente situado no mundo e na cultura da época.

Este método de investigação filológica confirma certas verdades que hoje tocam, de modo especial, a sensibilidade dos pensadores : a riqueza inexaurível do homem concreto que a linguagem inadequadamente traduz ; o singular perfil de cada época cultural; a densa complexidade do histórico; a intencionalidade a referir o homem às coisas e aos outros homens ; a linguagem como um modo típico de referência intencional e como veículo duma tradição cultural que deste modo invade o presente; etc.

É justo focarmos este tom de actualidade que envolve a obra da Autora, embora o tema, cronologicamente, se afaste de nós mais de milénio e meio. Não fariamos estas considerações se Malingrey não tratasse do conteúdo da palavra *φιλοσοφία*, que possui o singular privilégio de exprimir a mais profunda interioridade do homem, as suas relações ao mundo, aos outros homens e a Deus. O pensamento percorre este mundo de relações sempre encarnado na expressão verbal — o que nos revela a cada momento do percurso a condição humana.

Podemos distinguir nos oito capítulos da obra de Malingrey três partes principais: a primeira corresponde ao capítulo primeiro, subordinado ao título — *Les mots du groupe de Philosophie dans la littérature païenne avant J.C.*; a segunda parte coincide com o capítulo segundo — *Les mots du groupe de Philosophie dans le Judaïsme hellénistique*; a terceira parte abarca os capítulos III a VIII, e estuda as diversas acepções de *φιλοσοφία* nos PP. Apologistas, Clemente de Alexandria, Orígenes, Eusébio de Cesareia, três Capadócijs, e João Crisóstomo. Trata-se, portanto, do conteúdo das palavras do grupo de *φιλοσοφία* no mundo clássico, judaico e cristão dos quatro primeiros séculos: é um incipiente diálogo entre três culturas.

Podemos repartir em quatro partes a investigação da Autora através da literatura grega: a primeira leva-nos de Heródoto e Platão; a segunda analisa o novo

espírito que Platão insuflou no termo *φιλοσοφία*!, a terceira estuda a visão aristotélica, e a quarta passa de relance pela posição estoica e epicúrea. Como ressalta à primeira vista, Malingrey percorre rapidamente seis séculos de pensamento e, embora sintetize clara e brevemente a posição dos diversos autores, ilude a densidade e profundidade dos problemas com um transparente véu de simplicidade e leveza. Ainda nesta parte do seu trabalho, Malingrey consulta fundamentalmente obras francesas, deixando a média luz a escola alemã, inglesa e italiana e, ao manusear obras estrangeiras, contenta-se de quando em quando com meras traduções, como v.g. de Gomperz e Burnet. No entanto apraz-nos registar o aspecto didáctico que apresenta a exposição da Autora, usando uma linguagem e uma terminologia acessíveis aos que ensaiam os primeiros passos no domínio histórico-filosófico, filológico e cultural.

Até Platão, o esquema é concludente: a princípio *φιλοσοφία* viveu na órbita de *σοφία*, que designava um saber-fazer determinado ou uma vasta informação, «um saber de experiências feito» em cuja raiz o verbo *φιλεῖν* depunha um insaciável desejo. Contra esta *πολυμαθία* ergue-se a reacção de Heraclito, já fascinado pela unidade profunda latente em todas as coisas, e por isso o *σοφός* deve «conhecer o pensamento que governa todas as coisas através de tudo». O sábio agora vincula-se ao *λόγος* e à *φύσις*, oculta síntese dos contrários e por isso é um ser à parte, acima do vulgo ignorante e disperso. Há nesta atitude heraclítica uma novidade: o sábio transcende a zona da pluralidade dos saberes e da experiência e conhece através do *λόγος*, revelação da unidade dos opostos, princípio dinâmico e regra de acção. Esta atitude «lógica» do sábio não é posta em devido relevo pela Autora deste oportuno trabalho, passando assim despercebido o binómio *μῦθος-λόγος*, essencial, segundo cremos, para captar nesta altura o aspecto polémico da *φιλοσοφία*. Como o *λόγος* era um princípio regulador das coisas e das acções humanas, a palavra *σοφία* saiu enriquecida da mente de Heraclito. Pois, além de um saber-fazer ou soma de conhecimentos, passará a significar um conhecimento mais profundo, uno e geral, que está na raiz e precede os demais conhecimentos. Por outro lado, o aspecto teórico-prático de regra última das acções humanas enriquece ainda mais o conteúdo de *σοφία*.

Malingrey não fala da contribuição parmenídea, talvez por um demasiado apego à letra do grupo de palavras de *φιλοσοφία*. Ora não podemos deixar na sombra o trânsito da *φύσις* para o *τὸ εἶν*, pois há um aprofundamento tão original dentro do âmbito da *σοφία* que só pela mão de uma deusa Parménides se permitiu realizar. Além disso, a unidade do conhecimento histórico-filosófico exige que se não interceptem as relações que unem Parménides aos Pluralistas, Sofistas, Platão e Aristóteles, filósofos a que, aliás, Malingrey, como não poderia deixar de ser, se refere. Por outro lado, a omissão de Zenão de Eleia prejudica o enriquecimento do conteúdo de *φιλοσοφία*, que, por vezes, assume a forma de Erística.

A Autora analisa em seguida o conceito de *σοφία* e *φιλόσοφος* nos sofistas e sublinha suficientemente o conhecimento utilitarista, imediato e prático e o predomínio da arte de bem falar que estes termos exprimem. Reserva um lugar especial para Isócrates e com toda a razão, atenta a influência histórica deste pensador. Aparece-lhe *φιλοσοφία* a significar «Eloquência», «Moral prática» e «Civilização». Até aqui o fruto da análise de Malingrey. Ora parece-nos desarticulada esta exposição. A Autora esqueceu-se de que o termo *λόγος* sofreu importante evolução semântica,

a ponto de significar predominantemente a palavra falada (eloquência), raiz da convivência na *πόλις* (civilização) e norma utilitarista de acção (moral prática), com inevitáveis e evidentes reflexos heraclíticos, embora transpostos para outro nível. Este fio condutor daria maior unidade à exposição. Em Platão, Malingrey nota uma profunda viragem no sentido de *σοφία*: saber eminente referido às formas do ser. Como reconheceu Sócrates, é apanágio da divindade. Em Heraclito, Xenófanes e Parménides poderia Malingrey reconhecer uma atitude relativamente semelhante, o que proporcionaria um maior grau de desejada síntese à análise primordialmente realizada.

Nesta altura da evolução do pensamento e linguagem, as palavras do grupo de *φιλοσοφία* já possuem uma variada carga semântica, desde a multidão dos saberes ao sentido de eloquência e cultura geral, a cujo emprego Platão, se não furtou. Desta polivalência geradora de ambiguidades libertar-se-á o génio platónico, escolhendo o termo *επιστήμη* para designar o conhecimento das realidades absolutas, Ideias ou Formas. Neste caso, *φιλοσοφία* será o insaciável desejo de *επιστήμη* e exprime deste modo a essência do homem, situado acima da esfera zoológica e a caminho do reino do divino. Gostaríamos de ver focado com maior clareza e precisão este aspecto antropológico do conteúdo de *φιλοσοφία*, não só pela modernidade do tema como pela possibilidade de diálogo com a visão cristã. Isto permitiria à Autora uma melhor síntese, de modo que a *φιλοσοφία*, como esforço moral e separação do corpo ou ideal a realizar pela *πόλις*, não passaria de mais um aspecto da plurifacética realidade humana abordada pelo génio de Platão. Neste caso teríamos a linguagem como elucidativa expressão do homem concreto e situado em relação directa com o Absoluto. Esta visão está subjacente ao pensamento da Autora, mas desejávamos lhe conferisse um relevo mais pronunciado.

A investigação sobre os textos aristotélicos parece-nos exacta, mas sóbria. A inteligibilidade do real sensível funda-se nas formas substanciais individuais, captadas na sua universalidade por virtude «divina» do *νοῦς ποιητικός*. Na posse dos conceitos, a razão humana ordena-os silogisticamente criando a ciência, ideal aristotélico do saber. Daí a gama das acepções do termo *φιλοσοφία*: contemplação do Cosmos; método de investigação científica; conjunto ordenado das ciências. Como reconhece Malingrey, a filosofia perde a densidade da aspiração ao Absoluto em favor do domínio da abstracção lógica, lugar de especulação desinteressada e pura, da renúncia à actividade exterior e à vida da Cidade, i. e., do *βίος φιλόσοφος*. O *επος* filosófico platónico une a contemplação do inteligível à acção na *πόλις*; o método filosófico de Aristóteles conduz a um empobrecimento da Acção e encerra o espírito no mundo sistematizado, ineficaz e puro das categorias, ideal proposto à alma, forma substancial do corpo. A filosofia cresce em auto-suficiência, mas atenua-se a dimensão do Absoluto. Desejaríamos uma integração mais profunda da posição aristotélica no conjunto do seu pensamento, acompanhada de um número mais satisfatório de textos.

Os primitivos Estóicos, confessados discípulos de Heraclito, empregam o termo *σοφία* em vez de *φιλοσοφία*, empenhados em evidenciar o espírito de autonomia que caracteriza o *σοφός*. A Autora poderia aludir a novas tentativas de interpretação de Estoicismo que interferem no sentido de *σοφία* e proceder, embora sucintamente, a um mais perfeito enquadramento na época e na linha histórica do pensamento filosófico.

Epicuro faz da *φιλοσοφία* um modo de vida comunitária, fundada na experiência interior transmitida pelo mestre e orientada para a conservação da saúde da Alma. É o *συμφιλοσοφεῖν*. Esta análise é preciosa, mas uma rápida justificação histórica deste «modo de filosofar» satisfaria melhor a razão do leitor. A p. 68 encerra-se a investigação brevemente realizada através da filosofia grega. Abre-se um novo capítulo justificado pela originalidade do tema: Judaísmo helenístico. ■

A mundividência judaica é irreduzível à helénica. E qualquer estudo, mesmo filosófico, não pode esquecer esta mudança de horizonte. A Autora fala-nos do Livro da Sabedoria com equilíbrio de conceitos. No entanto seria bom que nos tivesse exposto as linhas mestras da concepção judaica do mundo, sobretudo a do seu fundamento — Deus Pessoal, Criador, Livre e Revelador — a cuja luz se deve analisar o conceito de Sabedoria. Na nossa opinião, a Autora deveria advertir claramente o leitor desta original visão do mundo. Se assim o fizesse, ao falar da carta do Pseudo-Arístes, Malingrey teria o terreno preparado para nos informar do esforço do autor da carta para harmonizar noções propriamente helénicas com realidades de outra ordem, relativas ao Deus de Abraão, Isaac e Jacob, embora expressas em palavras do grupo de *φιλοσοφία*, como a Autora reconhece.

O conceito filónico de *φιλοσοφία* aparece com aquela ambiguidade própria dum pensamento situado no cruzamento de duas culturas. A Autora aponta com precisão as influências sofisticas, aristotélicas, estoicas e de todo o período alexandrino nas diversas acepções de *φιλοσοφία* em Filon, embora as pudesse documentar com maior abundância de textos. É digno de nota, pela sua novidade, o conceito de *φιλοσοφία* como Revelação de Deus a Israel ou prática da Lei Moisaica e serviço de Deus. Como bem comenta Malingrey, agora não se trata do esforço intelectual do homem, mas duma iniciativa de Deus pessoal e livre. A esta luz, todas as influências sofisticas, platónicas, aristotélicas ou estoicas cobram novo sentido uma vez incorporadas no mundo cultural judaico. *Φιλοσοφία* no sentido de Revelação será profusamente empregada mais tarde por autores cristãos.

Além destas novas acepções da palavra *φιλοσοφία*, Flávio José usa o termo *φιλοσοφεῖν* no sentido de «comentar textos sagrados», uma vez que, tratando-se duma religião de livros, *φιλοσοφία* designaria o seu conteúdo. A análise de Malingrey chama a atenção do leitor para este aspecto, como descobre no «Quarto Livro dos Macabeus» a subordinação da lei moral à Religião na expressão *φιλοσοφία και ευσέβεια*. Embora esteja no espírito de Malingrey, desejaríamos uma afirmação mais explícita de que, dada a profunda transcendência de Deus na cultura hebraica, todas as acepções de *φιλοσοφία* recebidas da tradição grega, como «contemplação do cosmos», «esforço moral», «forma ascética de vida», só se entendem em função de *φιλοσοφία* como Revelação de Deus. Uma particular incidência neste aspecto faria sobressair com diferente luz os planos mais importantes da exposição de Malingrey.

Dois terços da obra são dedicados à análise da literatura cristã nos quatro primeiros séculos. Ainda aqui conviria um estudo da consciência de originalidade dos PP. Apologistas que permitisse ao leitor captar a melhor luz o tom pejorativo, irónico ou mesmo o desprezo que caracterizam por vezes o emprego do termo *φιλοσοφία*. Malingrey nota com justiça a influência da conversão cristã no conceito de *φιλοσοφία*, empregado por S. Justino no sentido de «doutrina do Salvador». Taciano usará *φιλοσοφεῖν* para exprimir a «prática da vida cristã». O lugar de Deus em textos judaico-helenísticos é agora ocupado pela figura de Cristo.

A Autora notou o emprego das expressões *ἡ ἡμετέρα φιλοσοφία*, *ἡ καθ' ἡμάς φιλοσοφία* para designar determinada concepção cristã do mundo e da vida. Seria de aconselhar uma exposição clara do conteúdo desta concepção cristã nos PP. Apologistas, o que uma leitura do contexto poderia facilitar.

Malingrey chama-nos a atenção para os epítetos de *φιλόσοφος* e *φιλόσοφος και ευσεβής* que nas apologias de Justino e Atenágoras qualificam o nome dos imperadores. O aspecto religioso da *φιλοσοφία* era dominante no pensamento da época e o imperador apresentava-se como o defensor por excelência da verdade e da piedade. Poderia a Autora examinar melhor as causas culturais das perseguições e certamente concluiria que esses qualificativos aludem à cultura clássica de que os imperadores eram na maioria fiéis depositários.

No tempo de Clemente de Alexandria, o termo *φιλοσοφία* já era velho de vários séculos e servira tanto na cultura grega como na hebraica e cristã.

Daí a pluralidade de sentidos que o afectavam. Clemente tenta uma interpretação cristã de todo o pensamento humano em função de Cristo, Verbo Revelador, verdadeira *Σοφία*. Para isso, considera no paganismo a parte positiva do seu pensamento — iluminação do Verbo — e consegue reconstituir uma linha histórica de pensamento, ascensional e progressiva, sob o influxo do Verbo, personagem oculta, mas realmente presente à marcha da razão humana. Por isso, três ideias determinam, por confluência, o sentido último de *φιλοσοφία* em Clemente: progresso, alegoria e Verbo Pessoal. Na nossa opinião, este aspecto acentuaria o brilho da valiosa exposição de Malingrey.

Ao contrário de Justino e Clemente que fizeram penosa peregrinação intelectual, Orígenes nasceu num lar cristão e habituou-se a considerar polémicamente a filosofia, origem de erros e heresias. Malingrey prova suficientemente o descrédito de *φιλοσοφία* em Orígenes e a sua substituição por *σοφία* para designar realidades religiosas cristãs. No entanto, parece-nos que a Autora não deveria esquecer o aspecto da influência positiva do conteúdo de *φιλοσοφία* no pensamento de Orígenes. Se à luz da expressão verbal aflora o menosprezo, no interior profunda foi a influência da cultura clássica em Orígenes, como prova, v. g., um simples paralelo entre o que nos resta do *Traçado dos Princípios* e as *Enéades* de Plotino ou a célebre questão origenista.

É cheia de interesse a investigação realizada através das obras de Eusébio de Cesareia. Desde de Clemente notamos a formação de um núcleo de pensamento caracterizado pelas ideias de Criação, História, Progresso e Verbo, com relevo dos aspectos positivos do pensamento clássico. Malingrey situa muito bem Eusébio na linha de Clemente e é clara e elucidativa a síntese que faz do conceito de *θεολογία* em vagarosa elaboração durante a longa caminhada histórica dos povos para a Revelação. Por isso, *φιλοσοφία* aparece em Eusébio como um aspecto particular da *θεολογία*.

Se Clemente chamou à filosofia grega um Terceiro Testamento, Eusébio chama a Cristo *φιλόσοφος* por excelência, iniciando uma tentativa de explicação cristocêntrica, de sabor paulino, de todo o pensamento humano. *Φιλόσοφος* perfeito é também o Imperador Constantino, o que os qualificativos tradicionais já usados por alguns Apologistas e as novas relações entre a Igreja e o Império justificavam.

A perfeição cristã ansiosamente procurada no deserto ou no meio do mundo veio enriquecer o conceito de *βίος φιλόσοφος*. O monaquismo do século iv encontra



assim em Eusébio uma expressão tradutora dos seus ideais: ao heroísmo do mártir sucede a ascese do anacoreta. A síntese de Malingrey, neste aspecto, é digna de louvor. O estudo dos grandes Capadócijs pareceu-nos ser a parte mais valiosa do livro. A autora procura situá-los com rigor histórico, mas talvez uma exposição mais perfeita dos ideais da Segunda Sofística, renovados e aperfeiçoados pelos grandes oradores do século iv, permitisse recortar com mais nitidez a figura de S. Basílio, de S. Gregorio de Nazianzo e de S. Gregorio de Nissa. É certo que esteve presente à mente da Autora a influência da Retórica no conceito de *φιλοσοφία*, como nos testemunha a própria exposição, mas seria de aconselhar um melhor enquadramento na cultura da época, de modo a fazer sobressair a submissão da estética verbal da Retórica ao Verbo Cristão. À transformação do pensamento seguiu-se a da Palavra.

É digna de menção a síntese de Malingrey no que respeita ao conceito de Homem, imagem de Deus (*εἰκόων*), traço de união entre os Capadócijs e o pensamento grego, como o de Logos o fora em Justino e Clemente. A moral é, neste caso, uma protecção dessa imagem e uma afirmação prática da dignidade humana. *Φιλοσοφία* ora exprime o conjunto dos valores morais, ora um método de perfeição com o subsequente domínio das paixões, desapego dos bens e prazeres e resistência ao sofrimento. À base duma comunidade de natureza, os Capadócijs afirmavam valores eternos de que todos os homens, pagãos ou cristãos, participam. Esta apreciação da autora é de suma importância para o Humanismo Cristão.

A análise filológica de Malingrey levou-a à conclusão de que expressões recebidas da tradição como *ἡ ἡμετέρα φιλοσοφία*, *ἡ καθ' ἡμᾶς φιλοσοφία* que designavam o Cristianismo, não são usadas, v. g., por Gregorio de Nazianzo com o fim de marcar uma oposição entre dois sistemas de pensamento, nem traduzem a violência do apologeta, dada a vitória oficial do Cristianismo. No entanto os ataques de que o Cristianismo foi alvo da parte dos grandes oradores pagãos do século iv — Himério, Temístio e Libânio — bem conhecidos dos Capadócijs, e a coexistência da linha pagã do pensamento permitem levantar uma interrogação às conclusões da Autora, que, em geral, nos parecem solidamente estabelecidas.

No século iv, dada a propagação do Cristianismo e o seu reconhecimento oficial, surgiu por influência dos melhores espíritos uma literatura e uma terminologia, capazes de traduzir o pensamento religioso das comunidades cristãs. Por isso, confessa Malingrey, a palavra *φιλοσοφία*, só ou acompanhada de algum adjectivo, significa aspectos muito diversos e extensos da vida cristã, desde a forma própria da espiritualidade individual ou colectiva ao ensino e interpretação espiritual das Escrituras à prática da vida cristã e ao desejo de perfeição monástica.

Termina a obra de Malingrey com um belo capítulo sobre João Crisóstomo. Certas dificuldades que o Cristianismo encontra no século iv, levam João a conferir por vezes ao termo *φιλοσοφία* uma nota de luta e de conquista. O fervor de João pela vida monástica revela-se na expressão *ἡ καλή φιλοσοφία*; outras vezes usa o termo sem adjectivos para significar múltiplos aspectos da espiritualidade cristã dentro e fora do monaquismo. O múnus pastoral de Crisóstomo encontrou em *φιλοσοφεῖν* uma tradução da forma de apostolado que é o ensino, coextensiva ao leigo através do exemplo e mesmo da palavra. Malingrey refere-se à influência da Retórica na linguagem e pensamento de Crisóstomo. Segundo cremos, um paralelo com Libânio, o maior orador pagão do século iv e mestre de João, permi-

tiria um melhor quadro do ambiente literário cristianizado pelo maior génio da Oratória cristã da Antiguidade: João Crisóstomo.

Fecha este precioso livro uma conclusão em que a Autora resume magistralmente a linha evolutiva do conceito de *φιλοσοφία* desde o seu berço ao século iv p.C. Ao dobrar da última página, tivemos a sensação de haveremos fruído, em agradável leitura, de uma clareza e transparência difíceis de igualar, enquanto na penumbra ficou aquela desejada visão sintética, profunda e densa, que o título *Philosophia* exigiria.

Esta é a autêntica face velada da obra de Malingrey.

MIGUEL BAPTISTA PEREIRA

Atilio Degrassi — *Inscriptiones Latinae liberae rei publicae*. Fasciculus prior. Firenze, «La Nuova Italia» Editrice, 1957. XII + 292 pp.

Atilio Degrassi, professor da Universidade de Roma, que já há algumas dezenas de anos se vem dedicando ao estudo da epigrafia latina, aceitou o encargo de organizar para a *Biblioteca di Studi Superiori* uma larga antologia de inscrições, destinada, em parte, a substituir e a completar os trabalhos similares de Garrucci, Diehl, Ernout, Warmington e Pisani. Para isso, adoptou, em primeiro lugar, um critério predominantemente histórico, deixando quase de lado as considerações filológicas, e inseriu na sua selecta inscrições encontradas recentemente. De facto, deparamos com exemplares descobertos já no decénio de 1950-60. A obra foi concebida para incluir inscrições latinas desde as mais antigas (ainda que sejam anteriores à República!) até ao ano 31 a.C. Dada a abundância do material seleccionado, apresenta-se em duas partes. Da segunda, já publicada, ainda nos não foram enviados os exemplares para a recensão (escrevemos em Junho de 64). Por isso, limitar-nos-emos à apreciação do primeiro volume.

Para se fazer uma ideia da documentação apresentada, vamos dar uma resenha dos capítulos e dos números das inscrições por eles compreendidos : I — Inscrições desde o século vu até\* ao século iv (1-7); II — Fastos consulares (8); III — Calendário (9); IV — Inscrições sobre divindades e sacerdotes (10-308); V — Sobre magistrados romanos (309-447); VI — Marcos miliários (448-466); VII — Marcos divisórios de terras (467-496); Sobre militares (497-503).

A cada inscrição é feita uma introdução na qual se descreve a forma e a qualidade do objecto em que está gravada, a sua medida, o lugar onde foi descoberta e onde se encontra actualmente e se indicam *alguns livros* em que foram publicadas gravuras com o desenho ou a fotografia das inscrições. Dizemos *alguns livros* porque em vários outros as inscrições estão reproduzidas, se bem que não sejam citados por Degrassi. Por exemplo, da fibula de Preneste (1) pode ver-se um desenho também em Warmington, *Archaic Inscriptions* (depois da p. 150); do vaso de Dueños (2), em Devoto, *Storia della lingua di Roma* (depois da p. 80); do *lapis niger* (3), em Para-